

CARIDADE

EX-EMPREGADA DOMÉSTICA QUE

NÃO PODIA PAGAR FACULDADE

RECEBE AJUDA DE VOLUNTÁRIOS

2

ÔNIBUS

RODOVIÁRIOS ACABAM GREVE-

RELÂMPAGO DEPOIS DE FECHAR

ACORDO COM EMPRESÁRIOS

3

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sexta-feira, 11 de julho de 1997

DF - Cidade Estrutural

PM destaca 1,7 mil homens para derrubar 700 novos barracos da Estrutural e oito pessoas saem feridas em confronto

REMOÇÃO NA MARRA

Cristina Ávila

Da equipe do Correio

A Cidade Estrutural virou um campo de guerra. Às 8h da manhã, cerca de 2 mil moradores da invasão receberam 1,7 mil policiais militares com tiros, pedras e paus, próximo à passarela da pista. O matalgal incendiava, demarcando a área de conflito. A PM respondeu com tiros de cápsulas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. À frente dos invasores, a líder Marlene Mendes afrontou a polícia até ser presa, arrastada pelos cabelos. O confronto resultou em oito feridos.

A invasão, onde cerca de 700 novos barracos foram construídos nos últimos dez dias, foi tomada às 9h pela Polícia de Choque. Atrás, seguiram 50 caminhões do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) e 15 da Terracap, para carregar telhas e o madeirite dos casebres que seriam derrubados. Homens a cavalo e cachorros de prontidão.

A operação militar foi definida em uma reunião no gabinete do secretário de Segurança Pública, Roberto Aguiar, que acabou por volta das 22h, no dia anterior. Era a segunda reunião da quarta-feira. Às 17h, os órgãos que participariam da missão organizaram as equipes no gabinete do secretário de Governo, Swedenberger Barbosa.

Logo que chegaram à invasão, os soldados encontraram oito coquetéis molotov, prontos para a guerra. Ao derrubarem um barraco, surpreenderam-se com uma dezena de garrafas de cerveja, jornais e combustível, material que provavelmente seria utilizado para a confecção de mais bombas. A maioria dos policiais estava desarmada. Cerca de 200 oficiais e sargentos portavam revólveres calibre 38. Na tropa de choque, carabinas Riot Gun.

Segundo o porta-voz da PM, tenente-coronel João Coelho Vítola, a polícia conseguiu gravar a imagem de uma pessoa portando uma escopeta, na área antiga da Estrutural, que chamam de assentamento. Foram apreendidos um Taurus calibre 38, um facão e três facas.

Homens da tropa de choque e moradores passaram a manhã inteira em posição de ataque. De um lado, escudos e capacetes, carabinas apontando o povo. De outro, paus e pedras que voavam constantemente. Entre eles uns 30 metros de campo neutro, a delimitação entre a invasão nova e a parte antiga da ocupação. A cada pedra que voava, uma nova bomba da PM cruzava o céu. Gritos, choro, gente reivindicando terra para morar.

Uma das líderes da Associação de Moradores da Estrutural, conhecida por todos como Branca, passou a manhã toda aos berros. Boatos sobre mortes sem testemunhas incitavam mais ainda o povo. O conflito somente começou a acalmar-se com a chegada da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF), às 13h.

"Fui lá para tentar evitar o confronto", diz Ricardo Miranda, morador da parte antiga. Ele calcula que uns 30% dos moradores da Estrutural estiveram na frente de batalha. Muitos iam e vinham. Um pouco para olhar. Também para dar um apoio moral aos novos invasores. "O governo deveria ter mandado um líder para negociar. Isso não precisava ter acontecido", exclamou.

■ Leia mais nas páginas 4 e 5

Raimundo Paccó



Recebido com paus, pedras e tiros, o contingente de 1,7 mil homens da PM responde com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. Oito coquetéis molotov foram encontrados em um barraco